

## ARTIGOS

### SOBRE O “EU” DA QUESTÃO

Renata Ferreira da Silva<sup>1</sup>  
Maria dos Remédios de Brito<sup>2</sup>

[...] *Mas pensei: você é um eu,  
você é uma Elizabeth,  
você é uma delas, também.  
Mas, por quê, por quê? Eu mal  
tinha coragem de olhar  
para ver o que eu era, mesmo [...].*  
(ELIZABETH BISHOP)

#### I. O eu da Questão...

No cenário Moderno, a consciência se põe como um critério fundamental para conhecer a realidade, o que confere ao sujeito o centro norteador do conhecimento, pois ele pode garantir a unidade, a identidade permanente do saber. Esse cenário tem como personagem central Descartes, pois com ele o sujeito torna-se a medida do conhecimento, de tudo aquilo que pode ser considerado como real. O pensador não mediu esforços, e usou todo um arcabouço teórico-filosófico para sustentar a ideia de que o *eu* é a sede de todas as certezas.

O sujeito hegemônico oferece o pressuposto fundamental para a representação, pois para Descartes “tudo que temos primeiramente são representações das quais se trata de atestar a realidade. Como não há um fundamento material reconhecido como válido, uma vez que a experiência sensível é posta entre parênteses, terei que buscar na própria representação os critérios que me mostrarão a sua validade” (SILVA, 1993, p. 10). Isso significa que será sempre necessário partir do *eu* pensante, do *cogito*, remexer suas ligações, encontrar nele mesmo os critérios que possam mostrar que no mundo material existe algo que faça a correspondência com o que foi pensando. O mundo exterior será para o pensador o último reduto da demonstração do conhecimento, visto que o mesmo deve ser percorrido internamente na mente que é o ponto fundante e norteador para a verdade. Por isso, a representação, para Descartes passa pela ideia sem se preocupar com o reflexo das coisas externas, desejando reconstruir o conhecimento de forma sólida e inquestionável. Para esse intento, o filósofo toma como critério o sujeito pensante, o *cogito ergo sum* (*Penso, logo existo*). É interessante observar que isso demarca algo necessário para os modernos, a inteira apreciação da razão como um princípio universal, que, sendo de todos os homens, remete ao aporte fundamental para a filosofia e para o pensamento. Com isso, cria-se uma confiança total na autonomia da razão que, bem dirigida, ou governada por seus próprios critérios de clareza e distinção, pode garantir o melhor caminho para se encontrar a verdade e a certeza indubitáveis.

O sujeito Moderno de Descartes, pela leitura de Nietzsche, passa por uma crítica radical. Importa saber que essa crítica questiona a base da concepção do *eu* como unidade, ou da

---

<sup>1</sup> Atriz. Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: [renataferreira@uft.edu.br](mailto:renataferreira@uft.edu.br).

<sup>2</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Pós-Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Universidade Federal do Pará. E-mail: [mrdbrito@hotmail.com](mailto:mrdbrito@hotmail.com).

consciência como sendo o núcleo estável e supremo do conhecimento, bem como a linha que pode distinguir a verdade do erro, o real do irreal, o verdadeiro do falso (ONATE, 2000).

## II.

1. Proponho que eu fale. Então deveria deixar clara minha identidade. Eu disse identidade? Uma espécie de fundo? Sim! Aquela parte onde exerço um controle ativo de tudo. Não encontro! Algo estranho acontece comigo neste estudo. O Eu está desfalecendo, está desfigurado. Noto que derreto. Meu rosto já derreteu. Então, já perdi o rosto, o rosto sempre se perde, nele não é possível chegar, mas a máquina abstrata sempre atravessa o rosto, seleciona rostos, mas ao rosto não se chega e nunca se chegará. Ter um rosto é necessário para que a experiência aconteça? Ter um Eu é necessário para que a experiência seja possível? Este eu deveria sustentar uma verdade íntegra e imutável? A identidade é necessária? Um Eu senhor de si mesmo, consciente, autônomo, centrado em si representando e testemunhando um mundo por meio da razão desconfiado da vida, derrete! Eliminamos a compreensão de um Eu como testemunha, aquele que tem uma consciência separada do objeto que quer conhecer e que está de alguma forma, livre a dominar uma natureza de forma autônoma e racional.
2. O Eu não constrói um pensamento, é construído por ele. Este Eu vira um sujeito que não é substancial e não pré-existe à linguagem? É múltiplo, está em devir e participa de um processo do qual não é o centro. Não está, de forma autônoma, separado do mundo. Este Eu não diz de uma vida pensando, falando e produzindo um mundo externo: ele é provisoriamente e infinitamente pensado, falado e produzido com este mundo, ou seja, vive uma vida. Ele não controla, organiza e explica um sistema, ao contrário, faz parte de um sistema que exprime certos dinamismos. Este sistema é a vida, logo, mutável. Ora, espera aí... Não há Eu de nenhuma forma... tudo que há são multiplicidades... forças plásticas, revirada por um corpo que não é nem materialidade e nem transcendência... Forças, lutas, afetos... perspectivismo. O Eu não diz, não é... A subjetividade unificada já morreu.
3. O sujeito se define *por* e *como*, um movimento de desenvolver-se a si mesmo. “Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete” (DELEUZE, 2012, p. 70). Rompendo com uma noção de unidade atribuída ao Eu – a de um ser prévio que permanece – nos deparamos com um sujeito que se constitui na experiência, no contato com os acontecimentos: “A construção do dado cede lugar à constituição do sujeito. O dado já não é dado a um sujeito; este se constitui no dado” (DELEUZE, 2012, p. 78), numa luta incessante de forças que impede certezas. Como assim? Não há motivos para dizer sujeito! Ele não se define, não é... Os processos são de singularizações, ou seja, individuações e pré-individações. É ora de desnaturalizar o hábito, é ora de dizer o hábito está aí, mas ele não é... O real é pura construção... sujeitos só podem ser lavares.
4. Constituir-se no dado é viver os encontros. Encontros que se vivem de diferentes maneiras: despercebida, forte, marcante, violenta, alegre e/ou triste. Os encontros produzem efeitos, forçam cada corpo a produzir sentido às experiências que (des)organizam um modo de viver. Esta produção de sentidos ao que acontece é um campo extremamente complexo e ininterrupto de enfrentamentos. Uma força que está em relação com outra força que recebe a ação de outra, que age sobre outra. Neste fluxo, não há como conceber um sujeito como uma identidade.

Posso dizer aqui que não somos um corpo fechado, substancial, ao contrário; somos uma regulação não material. As coisas participam em nós, de nossa regra de relação – *certa quadam ratione*<sup>3</sup>. O corpo gera uma paciência, é ativo e reativo... Ele é participação.

5. Spinoza (2010) demonstra isto quando afirma que as partes que compõem o corpo humano não pertencem à essência deste corpo, a não ser enquanto transmitem entre si os movimentos segundo esta proporção, esta regra de relação e não como indivíduos. Veja só, não estamos imunes aos afetos. Tudo isto abre espaço para conexões, fluxos, deslocamentos e movimentos ao invés de fixidez, segurança e verdade. Há no homem multiplicidade de consciência, pois o corpo inteiro pensa, sente, deseja, quer (ONATE, 2000). A consciência é um território do corpo inteiro e não um núcleo pertencente ao *eu* pensante, como unidade (ONATE, 2000). Isso expede a questão abissal pela pergunta: o que é a consciência? Estar consciente de si não remete à figura do solipsismo, ao contrário, a consciência deixa de ser uma reflexão de si para se desenvolver por pura necessidade, que entra em embates, em combates com determinadas forças ou perspectivas que se chocam (ONATE, 2000). A consciência é um instrumento que vai se formando temporariamente, que transita em meio às forças que a atravessam, que impõem formas de domínios e ações. Engraçado, estou sentindo uma fragilidade porque a identidade também está derretendo. O eu será o estado de forças, sempre resultantes destes encontros, um lugar de dissociação que na escrita marca uma vida que se escreve no presente, e à medida que escreve, se reinventa.
6. Um modo de existência que se reinventa, que produza a vida como arte não se forja por determinações, coerções. Há regras, mas sempre facultativas que são dadas pelas relações de forças com outras forças, pelos compostos, pelos encontros de uma existência.
7. Neste momento, encontro já um limite gramatical que me faz expressar em termos de um sujeito que age sobre um predicado, um sujeito de ação. A linguagem nos prende em termos de Eu? Fico assim, surpreendida. Que Eu é este que escolhe, escreve, ensina, aprende? Este Eu é escrito? Como seguir a escrita sem este Eu? Este sujeito da gramática é tão ilusório quanto um sujeito racional. Espanto-me. Ele é tanto ator como autor.
8. Para Barthes (2004, p. 20) “o sujeito da enunciação nunca pode ser o mesmo que agiu ontem: o eu do discurso já não pode ser o lugar onde se restituiu inocentemente uma pessoa previamente guardada”. É um Eu que anda por aí, transeunte, falsificado em textos vividos no aqui e agora.
9. Mas um Eu é efeito dos acontecidos, dá-se em atos sempre novos, com sentidos inéditos. Poderia a escrita de uma experiência tornar-se uma experiência de escrita que coloca em xeque justamente um Eu que escreve? Para Barthes “o *eu* de quem escreve *eu* não é o mesmo que o *eu* que é lido por *tu*” (BARTHES, 2004, p. 21). Estamos, *tu* e *eu* num labirinto de sentidos, este labirinto queima.
10. Todo fogo quer queimar, quer aumentar sua força e poder de combustão. Como é, realmente, que produzimos a nós mesmos? É certo, pois, sair por aí queimando tudo que encontramos como combustível de si mesmo? Que energia está implicada neste EU que se apresenta?

<sup>3</sup> Expressão de Baruch de Spinoza – certa relação de proporção entre movimento e repouso.

11. Refleti durante muito tempo sobre isto. Como possibilidade de escrita podemos traduzir forças como possibilidade de criação dramatizando a ideia do EU. Fabricamos relatos, e na medida em que escrevemos, nos transformamos. Coisas minúsculas, detalhes, cenas, índices de singularidades. Não estou interessada numa transposição ou reprodução direta de um vivido, numa escrita que reflete uma vida pregressa a ela, mas na criação de singularidades. Haveria debaixo de todo o *logos* um drama como insiste Deleuze (2006)? O que pode uma vida que escreve, insisto eu?
12. Eleva-se a potência infinita. Pode sempre, infinitamente outra possibilidade de individuação.
13. O interesse volta-se para detalhes, impressões insignificantes, elementos descontínuos, intensidades, invenções.
14. Como pensar a realidade a partir de um indivíduo pronto, imutável e substancial? O devir é uma dimensão do ser. “A individuação é, pois, devir do ser e não modelo do ser que esgotaria sua significação” (DAMASCENO, 2007, p. 178). Se formos um processo de individuação, uma modelagem, uma realidade relativa, uma fase de ser dependente de nossa dimensão pré-individual, como insiste Deleuze, não estamos esgotados, estabilizados, mas nos atualizamos, ou seja, produzimos formas diferentes como força vital. “Estranho teatro feito de determinações puras, agitando o espaço, e o tempo, agindo diretamente sobre a alma, tendo larvas por atores” (DELEUZE, 2006, p. 134). O Eu torna-se potência de variação contínua, numa vida que escreve, atua e que quer se reinventar eternamente, pois deseja produzir mais força na força que a constitui.
15. Estas reinvenções (podem) ser ativadas por biografemas e processos criativos, pois o Eu, o sujeito são puras ficções... O homem verídico morreu e todo modelo de verdade se desmoronou, em favor de novos processos vitais, inventivos, políticos e estéticos. O autor fundamental desses processos foi o grande mestre Nietzsche que coloca a potência do falso distante do verdadeiro, resolvendo, assim, a crise do verídico... Aqui não há um eu que fala, mas uma multiplicidade!

## Referências

BARTHES, Roland. *O rumor da Língua*. Trad. Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

DAMASCENO, Veronica. Notas sobre a individuação intensiva em Simondon e Deleuze. O que nos faz pensar. *Cadernos de filosofia da PUC*, Rio de Janeiro, n. 21, maio de 2007. p. 169-182.

DESCARTES, R. *Descartes: vida e Obra*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 2004.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. Trad. Luiz B. L. Orlandi, Textos e entrevistas. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade: Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

NIETZSCHE, F. *A vontade de Poder*. Tradução do original alemão e notas Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ONATE, A, M. *O Crepúsculo do Sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica*. São Paulo: Discurso editorial, 2000.